



RESENHA

TROUILLOT, Michel-Rolph. *Silenciando o passado: poder e a produção da história*. Tradução de Sebastião Nascimento. Curitiba: huya, 2016. ISBN 978-85-67498-04-1

Silenciando o passado: poder e a produção da história. Quando o passado silencia o presente

Paula Layane Pereira de Sousa

Doutoranda em Ciências Sociais na Universidade Estadual de Campinas. Docente na Universidade Federal do Vale do São Francisco.

E-mail:

paulalaysousa@gmail.com

Resumo

O professor de antropologia Michel-Rolph Trouillot ficou conhecido por sua grande contribuição nas discussões históricas sobre o Haiti. Sua obra “Silenciando o Passado” tem sido significativa para entender como as narrativas históricas são direcionadas pelos interesses nos campos de poder. O autor aponta na história do Haiti e da América a demarcação do poder que está invisível nos fatos que são reflexo da ideia ocidental de humanidade. Seu argumento se constrói demonstrando a desigualdade existente no acesso as narrativas e as suas produções. Para reagir contra a invisibilidade do poder é preciso que se revise o papel dos historiadores e dos intelectuais e que se construa uma nova perspectiva historiográfica.

Palavras-chave: História. Haiti. Silenciamento.

O premiado professor de antropologia Michel-Rolph Trouillot teve sua carreira marcada por trabalhos que demonstravam profundidade histórica nos estudos sobre a comunidade caribenha. Tendo obtido seu título de doutor na Universidade Johns Hopkins, também trabalhou nessa instituição como professor e, posteriormente, atuou no departamento de antropologia na Universidade de Chicago. Suas obras, e outras publicações não-acadêmicas, são de grande contribuição para a discussão dos estudos sobre o Haiti, mas principalmente para uma crítica ao papel do poder no mundo moderno. Ele foi autor e co-autor de vários livros, entre eles, o livro

“Silencing the Past: power and the production of history” (1995). Publicado originalmente pela editora Beacon Press, em Boston, esse livro parece ser o mais influente de Trouillot.

“Silencing the Past” ou “Silenciando o passado” trata-se de uma crítica admirável de como as narrativas silenciam a história e de como elas são direcionadas por interesses nos campos de poder. As memórias e experiências compartilhadas no livro auxiliam nos argumentos do autor em defender que o passado não se constitui em uma unidade isolada e que mais do que nunca a história deve trabalhar este passado de forma ativa no presente.

Trouillot logo no epílogo aponta que este ensaio é uma denúncia do poder sobre a história. Ele tem seu ponto de partida na produção de narrativas históricas que com “sutileza”, se comparadas a outras formas de poder, constituem-se em armas poderosas em um campo de forças. A história interpelada é tanto aquela que deixou de existir, aquela montada sobre um passado, como também a que está chegando ao seu fim para que o futuro e o progresso ascendam. O poder está no jogo de desigualdade de acesso as narrativas e as suas produções. Sua marca está na invisibilidade, mas nem por isso impossível de buscar sua origem. É por este caminho de considerar que a “história é fruto do poder” que o autor segue seu ensaio. Assim, a obra se divide em cinco partes: “O poder na história”; “As três faces de Sans Souci: glória e silêncios na Revolução Haitiana”; “Uma história impensável: a Revolução Haitiana como um não evento”; “Bom dia, Colombo”; e “A presença no Passado”.

A palavra história para o autor é ambígua. Tanto por significar “o que ocorreu”, isto é, o processo sócio-histórico, como “aquilo que se diz ter ocorrido”, o conhecimento ou história sobre este processo. Sua crítica é direcionada aos positivistas, que distinguem o processo de narrativas e buscam uma “verdade”, mas também aos construtivistas, que constroem histórias e sobrepõem o processo as narrativas.

Usando os exemplos da Guerra e do santuário do Álamó e o holocausto na Alemanha, Trouillot evidencia que as construções narrativas do ponto de vista construtivista mais extremo defende a importância dos eventos em si e não a forma como são narrados, enquanto os revisionistas justificam sua contraposição em uma carga moral e política presentes nas narrativas que encobre interesses e interessados sobre os eventos¹ (TOMIC, 2009). O destaque na

¹ Utilizo aqui o termo “evento” como usado por Trouillot. Contudo, corroboro com Dale Tomich (2009) quanto a questionar o limite que o termo “evento” pode trazer aos fatos. “Evento” pode ser entendido como aquilo que possui começo e fim demarcados. Mas o próprio Trouillot aponta que os acontecimentos da história possuem consequências que transpõem as delimitações, por isso, acredito que o termo deva ser entendido de uma forma mais ampla.

contraposição entre revisionistas e construtivistas permitem ao autor questionar até que ponto as narrativas e eventos importam para todos nós. “Mas até que ponto é possível reduzir o que ocorreu ao que se diz ter ocorrido?” (TROUILLOT, p. 37). É neste momento que a memória é acionada.

O modelo trabalhado é o de memória-história. Esta significa, em comparação a memória do indivíduo, a história da coletividade. Contudo, este modelo apresenta dois problemas. Primeiro, não é possível separar as unidades de tempo, por isso a lembrança de um passado só é plausível com a existência de uma presente que permite esse passado. E isto nos leva a desemoldurar a ideia de passado e flexibilizá-la. Depois, na prática só se expõe de um determinado evento algumas recordações, já que não é possível alcançar sua totalidade. As memórias coletivas são construções a partir daquilo que se tem na história, uma “memória traiçoeira”, assim como costumam dizer os mais velhos, no sentido de que nem tudo está ao alcance de ser recordado.

O exemplo da escravidão em países como Brasil, Caribe e Estados Unidos demonstram a diferença entre as relevâncias analíticas e simbólicas que ocorrem no presente. O que proporciona esta diferença são as distintas narrativas produzidas por historiadores amadores, aqueles que escutam e reproduzem histórias, e os historiadores acadêmicos. Mesmo afirmando que a história se aprende muitas vezes na TV, nas narrações dos mais velhos, nas brincadeiras de crianças, antes mesmo do que com a história acadêmica, o autor responsabiliza esta última de privilegiar um dos lados (distinção ou sobreposição entre processo e narrativa), uma unilateralidade que leva a desconsiderar a produção das narrativas, seus lugares de produção e contextos.

Deste modo, o posicionamento de Trouillot é que a “teoria da narrativa histórica deve reconhecer tanto a distinção quanto a sobreposição entre processo e narrativa” (TROUILLOT, p. 52). É através da descoberta do processo de produção e da sobreposição das narrativas que é possível desvendar o poder que permite ou silencia as narrativas. Um passo possível é buscar o que o autor denominou de momento conceitual de silenciamento, isto é, o momento de criação, composição, recuperação e significância retroativa dos fatos. Contudo, isto levariam apenas a forma processual da produção histórica, sendo uma forma de chegar a produção do poder.

Até aqui Trouillot enfatiza a construção das narrativas históricas como uma forma de silenciar a história e, mais especificamente, grupos sociais que fizeram parte desta história. Neste sentido, as narrativas ganham maior destaque que a própria memória. Essas últimas são um mecanismo de recordação que “traíçoeiramente” direcionam as narrativas a obliterarem os

impactos originais e formas de registro de um evento. O que o autor tem destacado com bons argumentos é que a simples existência de um evento não legitima a sua narração. Portanto, a distinção ou sobreposição entre processo e narrativa tem relevância a medida em que direcionam as narrativas. A defesa do autor é tanto que as narrativas que compõem a história geram algum tipo de silêncio, como que os silêncios são produzidos por historiadores que negam as diferentes narrativas. Nesses processos de produção, a estória, que tem em seu âmago o poder, torna-se história.

O retrato dos silenciamentos segue no capítulo 2 – “As três faces de Sans Souci: glória e silêncios na Revolução Haitiana”. A trilha que o autor segue para expor quando e onde o poder entra na estória, além de questionar os silenciamentos no que diz respeito a Revolução Haitiana, demonstra o silenciamento referente ao militar revolucionário Jean-Baptiste Sans Souci, sua relação com a revolução e com a construção do palácio que leva seu nome, mas que pertencia ao seu assassino, o oficial revolucionário Henri Christophe.

Durante o capítulo o autor descreve os quatro momentos de silenciamento da história de Sans Souci, o homem. Assim, a criação, composição, recuperação e significância retroativa dos fatos relacionados a este personagem demonstram, como poderíamos observar em outros casos, não serem neutras. É neste sentido que Sans Souci, o homem, é pouco referenciado na história da Revolução do Haiti e é nesse fato que encontramos o poder. As histórias são contadas dos pontos de vistas de quem conta e isso gera silenciamentos que vem dos destaques dados aos fatos, atores e interesses de quem escreve, assim também como os silenciamentos estão atrelados a movimentos conscientes e inconscientes de produção da narrativa, como é, nesse último caso, dos paradigmas da disciplina histórica. Em outras palavras, o destaque dado a Sans Souci é o caminho para examinar os meios e processos de produção histórica. A desigualdade vivida pelos atores da revolução ressoa em um poder histórico desigual.

Os argumentos de Trouillot seguem no capítulo 3 abordando a Revolução Haitiana como uma história “impensável”. Esta “impensabilidade” significa que a Europa não era capaz de conceber uma revolução escrava e por isso mesmo eram incapazes de encontrar termos para entendê-la. Ou seja, meses antes da revolução os colonos não acreditavam na insurgência dos negros, e mesmo quanto o levante aconteceu os colonos/brancos e europeus subestimavam que isto poderia culminar na independência do Haiti. Esta crença era baseada em uma forma de ordenação do mundo etnocêntrica que posteriormente foi transformada em um racismo

científico, na hierarquização do homem cujo o modelo era o Homem europeu (com H maiúsculo) e masculino e na crença em categorias próprias que não cabiam a revolução escrava.

As produções na época da revolução sobre a história eram contraditórias. Admitia que o homem negro ou americano eram iguais aos europeus, mas interesses materiais diretos e indiretos não permitiam que de fato os homens fossem tratados como iguais. Reconhecer a rebelião como resistência e fenômeno de massa queria dizer que havia um problema no sistema ocidental escravista. E mesmo quando haviam eventos bem-sucedidos na rebelião, as narrativas eram adaptadas para serem entendidas dentro de um quadro ocidental de compreensão.

Os silenciamentos que acontecem como no exemplo da revolução é dividido por Trouillot em dois: fórmulas de rasura e fórmulas de banalização. O primeiro é uma forma de apagar diretamente o fato da revolução e é atrelado a generalistas e popularizadores. O segundo é uma maneira de trivializar a revolução por meio da minimização do evento, sendo este atrelado aos especialistas. Essas duas fórmulas de silenciamento utilizam-se de artimanhas para a construção de suas narrativas. É observado principalmente na banalização o uso de frases de interpretações dúbias; a negação dos temas racismo, escravidão e colonialismo em países ocidentais; um guia de interesses nacionais e nacionalistas; o cuidado com os termos utilizados para se referir a revolução; o poder arquivístico de definir o que é ou não importante para ser mencionado, e a questão moral que se confunde com a econômica.

Os argumentos do autor são claros quanto as acusações de silenciamento de historiadores. Os motivos estariam atrelados a uma raiz estrutural ou mesmo ao acesso de arquivos, como é o caso dos próprios historiadores haitianos. Apesar disso, mesmo que os historiadores continuem a destacar “temas mais importantes” ainda é possível diminuir os silenciamentos. É preciso que a tradição historiográfica do Haiti e a “estrangeira” se juntem para produzir uma nova perspectiva que permita, por exemplo, afirmar que os escravos se articulavam entre si e tinham entendimento do que estavam fazendo na revolução.

Trouillot retoma a história da conquista da América em “Bom dia, Colombo!” com o intuito de apontar o poder disfarçado na demarcação dos fatos que criam e adéquam contextos que contemplam a ideia ocidental de humanidade. Sua atenção se volta para a determinação de datas dos eventos juntos às suas narrativas, os rituais e celebrações que envolvem uma data e a própria denominação dos eventos.

No exemplo da América as celebrações e rituais que acontecem no dia 12 de outubro em parte do continente americano apontam elementos de uma história de poder. A fixação da data é por si só uma forma de manter os silenciamentos e menções já estabelecidas e perpetuar o passado longínquo no presente. São silenciamentos por desconsiderar outros eventos que circundam a chegada. As menções são reafirmadas em cada ano com a comemoração da data, em diferentes lugares e com diferentes sentidos, momentos em que a narrativa sobre o evento retoma um passado distante formulado por grupos específicos de pessoas. Ainda, a definição pode dizer muita coisa sobre um evento, pois nomes demarcam terrenos políticos e epistemologismos. “Descoberta” ou “conquista” da América refletem o caráter eurocêntrico de condução da história. A tudo isto Trouillot chama de trivialização do processo histórico e mistificação da história.

A comemoração do quadricentenário e do quinto centenário da chegada a América descritas pelo autor demonstra a produção de uma história para o consumo de massa em grande medida manipulada. Estes grandes eventos além de manipularem os sentidos dos espectadores, promoveram uma forma lucrativa de produzir a história, mas atualmente tem sofrido oposição de minorias. Igualmente, uma tentativa mais recente de revisitar a história também sofreu oposição, como foi o caso da tentativa da Disneylândia de montar um parque com o tema da escravidão afro-americana. É a este momento de retroatividade que o autor se atém no último capítulo.

Os contextos de produção e consumo dos eventos é uma forma de criar história de maneira lucrativa. O desejo da Disney de recriar eventos, mesmo que com o auxílio de historiadores, foi criticada porque esta recriação poderia tanto apresentar fatos como interpretações e reações erradas. Nos argumentos do autor a “autenticidade” é apresentada como explicação para justificar que a questão não é a fidelidade a um passado, mas que a reprodução deste passado deve ser em face do presente, isto é, que uma representação da escravidão deve ser entendida em um presente racista.

O propósito da história encontra-se nesse movimento de autenticidade citado acima. Como a historicidade humana, o poder também precisa ser renovado para que a própria história seja reconhecida. Isto é possível com as crescentes oposições as narrativas construídas e com a evidência das consequências pós-eventos. As crises de identidade e categorias que podem se dizer estabelecidas ou silenciadas exige do historiador um posicionamento quanto ao presente para que o propósito da história não seja direcionado por outros. Isto quer dizer que o historiador deve

questionar o passado, entender que o elemento passado só faz sentido nas lutas do presente e que o produto histórico não pode ser discutido fora do seu contexto de produção e de consumo.

O provocante texto de Trouillot nos levanta inúmeras questões. Porém, irei me limitar a algumas como: o papel do intelectual apontado pelo autor, as possibilidades de leituras do texto e a categoria “impensável”.

O papel do intelectual é de certa forma apresentada pelo autor durante todo o texto. Ao chamar atenção do papel dos historiadores para que outros não o façam, Trouillot nos tira de nossa zona de conforto e nos faz pensar qual é o papel de todos os intelectuais diante dos silenciamentos. De forma geral e mais técnica, quando o conhecimento é produzido há um limite imposto, seja de número de páginas, do próprio conhecimento, do acesso ao conhecimento e do limite da memória, como pode ser o caso deste texto. Neste sentido, os silenciamentos são em certa medida compreensíveis. Por outro lado os silenciamentos são questionáveis do ponto de vista da ideia atual de humanidade, principalmente se pensarmos nas formas de construção do conhecimento ou do conhecimento dominada por ideologias, como foi o caso do racismo científico. Diante disto, quais silenciamentos o intelectual e acadêmico tem produzido e porquê? Deixo esta questão complexa para refletirmos.

O texto de Trouillot pode ser lido também na chave de entender o ocidente e sua concepção de humanidade e o surgimento de um “Novo Mundo”, mas é também um caminho para entender os dias atuais e casos mais específicos. Nos dois sentidos encontramos formas de poder embasadas em um modelo europeu de entender o mundo e os silenciamentos das histórias “impensáveis”.

A história “impensável” do autor é aquela na qual não há categorias para defini-la. Contudo, entendo que o “impensável” é “pensável” no sentido de que algo só existe em oposição ao outro, como uma espécie de ‘alteridade das histórias’ e, por isso, só são possíveis em sua relação. Como poderia a “história dos brancos” existir sem a “história dos negros”? Como escrever sobre a revolução escrava mais importante da história sendo ela uma história “impensável”? A categoria do “impensável” nos faz refletir sobre aquilo que não se pode falar, mas não naquilo que não existe. Em realidade, nos faz questionar se aquilo que é apresentado como secundário não é, na verdade, algo primordial. O necessário aqui é entender que o poder tenta encobrir fatos da história, mas eles não desaparecem uma vez que mesmo suas negativas afirmam sua existência.

Por fim, quantas narrativas foram construídas pelo poder com propósitos que se fizeram ocultos, inconscientes ou intencionalmente, em busca de direcionar os sentidos das grandes massas? Pelo que defende Trouillot, todas as narrativas históricas são construídas por silenciamentos. Por isso, talvez a questão seja: em que medida esse silenciamento nos ajudam ou prejudicam no entendimento de nossos contextos? A solução para a história profissional de seguir seu propósito é certamente aceitável. Mas talvez possamos levar o argumento do autor ao extremo e pensarmos além dos problemas estruturais das disciplinas que tratam do presente e passado. Pensarmos nas histórias do cotidiano na forma e por quem são contadas. Afinal, a grande história é construída no dia a dia, mesmo que só posteriormente tenhamos consciência de que a estávamos construindo.

Ao olharmos para a circulação de notícias, quantas vezes nos perguntamos qual a origem das informações ou mesmo quem a escreveu e por quê? Qual o impacto prático e simbólico delas em nossas vidas? As eleições de 2018 no Brasil é um exemplo significativo para o extremo acionado acima. A quantidade das chamadas “fake news” que circularam nas redes sociais e que causaram desentendimentos exagerados e radicais entre os eleitores são casos de domínio da história pelo poder e da produção de silenciamentos. Como consequência destes silenciamentos é comum sentirmos que estamos fora da história. Contudo, precisamos dar um passo a frente e termos consciência de que o que acontece hoje também é a nossa história. Não defendo que busquemos a cada momento as fontes de tudo, entendo que no mundo moderno isto seja improvável. Mas questionar é a passo inicial para entender. O que nos falta é uma profunda criticidade sobre as histórias e histórias que chegam até nós. A banalização dos discursos e fatos na reprodução dos mesmos é nada mais que aceitarmos a manipulação da nossa própria história.

Referências

TOMICH, Dale. *Pensando o “Impensável”*: Victor Schoelcher e o Haiti. MANA 15(1): 183-212, 2009.

TROUILLOT, Michel-Rolph. *Silenciando o passado: poder e a produção da história*. Tradução de Sebastião Nascimento. Curitiba: huya, 2016.

Recebido em: 24 de fevereiro de 2019

Aceito em: 31 de dezembro de 2019

